

---

## Presença judaica em Santa Catarina: os embates políticos entre o Partido Judeu e o Partido Cristão na Ilha do Desterro

Gabriel Simon Machado<sup>1</sup>

Larissa Neves<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo reviver pistas da construção histórica da política Desterrense no século XIX, colocando em evidência as relações entre a presença judaica na ilha do Desterro e a influência da maçonaria na política e na imprensa. Longe de esgotar o assunto, o artigo tem a intenção de expor nos conflitos entre o Partido Judeu e o Partido Cristão as relações de poder expressadas na imprensa bipartidária.

**Palavras-chave:** Partido Judeu; Partido Cristão; Maçonaria; Desterro.

**Abstract:** This article aims to revive clues to the historical construction of Desterrense politics in the 19th century, highlighting the relationship between the Jewish presence on the island of Desterro and the influence of Freemasonry on politics and the press. Far from exhausting the subject, the article intends to expose in the conflicts between the Jewish Party and the Christian Party the relations of power expressed in the bipartisan press.

**Keywords:** Jewish Party; Christian Party; Freemasonry; Desterro.

As migrações provenientes de uma perseguição de interesses econômicos e políticos, mas discursada e afirmada em preconceitos religiosos, são um ponto chave para compreender a presença judaica no estado de Santa Catarina. A participação de imigrantes cristãos-novos na construção do Brasil foi recentemente aprofundada na historiografia brasileira, lugar da escrita, que mesmo recente, já encaminha novas perspectivas de análise para a atuação da igreja católica no país, da influência da maçonaria – grupo que absorveu fortemente princípios e símbolos judaicos – na política, dos já tão pesquisados conflitos entre bandeirantes e jesuítas. A península Ibérica, que já foi o berço de grandes desenvolvimentos culturais, de produção e troca de conhecimento no auge da convivência de tolerância entre judeus e árabes nos séculos X e XI, foi também o palco onde se desenrola uma grande peça de guerra, perseguição, a essência de um pleno combate entre camadas altas da sociedade: a inquisição católica<sup>3</sup>:

Nesse período, as comunidades judaicas atingiram um alto nível de organização, com autogoverno, justiça própria e autonomia cultural e religiosa, que perdeu até a Reconquista cristã. No reino muçulmano, os judeus da Espanha participaram da prosperidade econômica, e vários fatores contribuíram para a sua proeminência [...] como o

---

1 Graduando em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: [simon.gabriel.hst@gmail.com](mailto:simon.gabriel.hst@gmail.com)

2 Graduanda em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: [laripontocom@hotmail.com](mailto:laripontocom@hotmail.com)

3 NOVINSKY, Anita Waingort et al. *Os judeus que construíram o Brasil: Fontes inéditas para uma nova visão da história*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2015, cap. 4, p.45.



---

fato de conhecerem muitas línguas, o que facilitava as negociações com outros povos. Os comerciantes usavam o hebraico, o árabe, o persa e o grego para se comunicar, e redes familiares operavam não apenas por todo o Mediterrâneo, mas também pela rota do Oceano Índico. A família era considerada a forma ideal de sociedade nos negócios, reforçada pelos laços de sangue e de casamento<sup>4</sup>.

Um projeto que tinha como alvo central enfraquecer a cultura e se apropriar das riquezas de judeus, que se desenvolve violentamente, expropriando a propriedade, a liberdade e a vida de judeus de todas as classes. O caráter econômico da Inquisição se evidencia nos documentos analisados por Anita Novinsky do Santo Ofício da Inquisição, fontes secretas até as décadas de 1960 e 1970<sup>5</sup>.

O trabalho que se desenvolve pelas historiadoras Anita Novinsky, Daniela Levy Eneida Ribeiro e Lina Gorestein na obra *Os judeus que construíram o Brasil*<sup>6</sup>, lida com a construção da memória ao apresentar pontos que, quando interligados, nos fazem compreender o contexto histórico para sequenciais perseguições e resistências atemporais que se sustentam em uma identificação, um sistema de contatos e laços familiares, ligados sempre a uma fortíssima tradição religiosa. A busca pelo conhecimento é algo que no Brasil colonial deve ser lida como fundamental para o surgimento de uma elite intelectual judaica, que mesmo em constante perseguição e terror vividos pela ameaça das fogueiras da inquisição, mantinham suas tradições na ilegalidade.

Essa elite judaica surge da migração para a colônia portuguesa, se instalando e desenvolvendo diversas atividades, de comerciantes a artesãos, de senhores de engenho a pequenos agricultores, se une com força igual ou maior do que a força das perseguições. As reuniões secretas para os rituais sagrados se mesclam com estudos coletivos, estudantes judeus se reúnem na Universidade de Coimbra em debates inspirados nos assuntos importados da França. A linha tênue entre maçonaria e judaísmo dissolve-se apenas através da inserção de outras religiões, enquanto apropria-se de uma liturgia exclusiva, rituais e simbologias, ideais liberais, respeito à liberdade religiosa e a tolerância entre *irmãos*. É nesse clima de segredo e conhecimento, de vanguardismo do pensamento moderno, que açorianos cristãos-novos resistiram após suas migrações:

---

4 NOVINSKY, 2015, p. 24.

5 NOVINSKY, Anita Waingort. *Gabinete de Investigação: uma "caça aos judeus" sem precedentes*. São Paulo: Humanitas Editorial/fapesp, 2007.

6 NOVINSKY, Anita Waingort et al. *Os judeus que construíram o Brasil: Fontes inéditas para uma nova visão da história*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2015.



---

A vida judaica no Brasil, como em Portugal, tinha de ser clandestina. Foram construídas verdadeiras sociedades secretas, e os cristãos-novos se reconheciam por códigos indecifráveis para os estranhos ao grupo. Construíram um discurso crítico que circulava oralmente ou manuscrito, alguns dos quais chegaram até nós<sup>7</sup>.

Tratando de Desterro, atual Florianópolis, a presença de descendentes de açorianos cristãos-novos é abundante, onde judeus ou criptojudeus<sup>8</sup>, descendentes de açorianos ou imigrantes do Rio Grande do Sul, tem participação efetiva na política, no comércio e, recorrentemente, fazem parte das principais lojas maçônicas da Capital. O relevante para este artigo refere-se ao conflito entre o Partido Judeu e o Partido Cristão na ilha do Desterro. A construção do mercado público na ilha do Desterro se mostra como fagulha de explosão conflituosa entre dois partidos políticos do século XIX: o partido Judeu - posteriormente se tornando Partido Liberal, e em seguida Partido Republicano – e o partido Cristão, posicionado como o partido Conservador. A gênese da imprensa catarinense que, quando não diretamente controlada por membros dos dois partidos, foi marcada por forte influência política, instrumentalizada na disputa. Dessa forma, pretendemos analisar os discursos movidos nos jornais liberais, abastecidos pelas intenções da maçonaria desterreense, e os jornais conservadores cristãos que disputavam a política local.

### “São trocas e não tricas”

*“A imprensa, primeira, e a mais poderosa das potencias do século, como o ferro é máximo instrumento da edificação, e da ruina; como o sol, nos ilumina e nos deslumbra; como o fogo, nella bebemos a vida, e encontramos a morte” O Catharinense*

Em 1831 surgem as publicações do primeiro jornal do Desterro: O Catharinense. Daí em diante, o surgimento e o desaparecimento de jornais são frequentes, tudo estritamente ligado a interesses políticos. O desenvolvimento do comércio através do porto e da exportação de farinha de mandioca propiciou o nascimento de uma imprensa que expressava explicitamente os interesses de uma burguesia em processo de consolidação – burguesia esta que, por conta de suas disputas de hegemonia, se mostrava nada homogênea. É justamente nas expressões do

---

7 NOVINSKY, 2015, p.98.

8 Os criptojudeus eram cristãos-novos que externavam a religião cristã, mas secretamente continuavam a praticar o judaísmo.



primeiro jornal liberal, fundado por Jerônimo Coelho, que é possível observar a divulgação dos princípios iluministas. É importante, também, ressaltar que Jerônimo Coelho fundou também a primeira Loja Maçônica de Concórdia, bem como a Sociedade Patriótica de Santa Catarina, esta última empenhada em difundir os ideais de modernização de Desterro e os princípios nacionalistas ligados ao seu desenvolvimento, sendo uma das mais notórias expressões do movimento liberal no Brasil.

A Sociedade Patriótica se apresentava como uma organização sem vínculos com o poder estatal e inerente frente as ações governamentais. No entanto a historiografia nos permite atingir outro nível de análise sobre as influências políticas dessa Sociedade que ia muito além de “[...] uma coleção de patriotas, que observam cuidadosamente se os governantes cumprem ou não suas obrigações”<sup>9</sup>. De acordo com Carlos Humberto Corrêa, no ano de 1834, os liberais conquistaram onze das vinte vagas para deputado estadual, resultado por ele atribuído à atuação da Sociedade Patriótica:

Foram os seguintes os representantes do povo que integravam o conselho da Sociedade Patriótica e que compunham a maioria de deputados liberais: Manoel Paranhos da Silva Veloso, eleito presidente da primeira legislatura e reeleito para a mesa mais tarde, Jose da Silva Mafra, Joaquim Caetano da Silva, Jerônimo Francisco Coelho, Anacleto José Pereira da Silva, Thomas Silveira de Sousa, João Antônio Terres, João Francisco Cidade e Miguel Joaquim do Livramento<sup>10</sup>.

Explicitamente o *Catharinense* fazia um amplo trabalho de divulgação e aceitação no imaginário popular a respeito das teorias iluministas sobretudo francesas, fomentada na Sociedade Patriótica, esta que é a base do que se tornaria o Partido Liberal – que, como já citado, era composto em grande parte pelos cristãos-novos aqui estabelecidos. Sua influência não se limitava ao território nacional, sendo um dos poucos veículos de comunicação dito "brasileiro" com suas páginas lidas na França e Inglaterra, o que acumula grande valor ao jornal em um contexto histórico de construção de uma identidade nacional no capitalismo mundial. Na obra "Nas tramas entre o público e o privado", de Joana Maria Pedro, é impossível encontrar outra análise a respeito da relevância do periódico no que tangencia a criação de "nomes públicos" por meio da imprensa. Recorrentemente homens de famílias ligadas à política

9 GARCIA, Carla Laner. *Emanações Perniciosas Moralidade Corrosiva: Os desdobramentos do discurso científico no centro urbano de Nossa Senhora do Desterro. (1831-1864)*. Florianópolis; Dissertação (UFSC), 2006, p. 87.

10 CORRÊA, Carlos Humberto P. *História da Cultura Catarinense: O Estado e as ideias*. vol. 1. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997, p. 20.



partidária ou à oligarquia comercial iniciavam-se como redatores ou editores dos jornais, caindo no conhecimento do público, e mais tarde se candidatando às eleições ou nomeados a cargos de confiança no governo. Tal fator também se acumula na pontuação da relevância da Sociedade Patriótica nos desdobramentos da política desterrense.

Foi em 1832 que o primeiro pedido de demolição das barracas de comércio localizadas no Largo da Matriz é feito pela Sociedade Patriótica, apoiado em interesses econômicos, como descreve André Yamamoto:

Os chamados Judeus receberam este epíteto por afirmarem que o Mercado não deveria ser construído próximo à igreja, sua vontade era mudar o local desse símbolo da vida social da época, para longe da praça, para um lugar onde fosse mais proveitoso para seus próprios estabelecimentos comerciais<sup>11</sup>.

Sob um discurso radicalmente racista e higienista, amplamente divulgado nas páginas do *Catharinense*, a defesa da mudança de local é feita sob a justificativa de moralização da área central do Desterro, localizada próximo à Câmara Municipal, à Igreja Matriz, ao Palácio do Governo e outros prédios públicos. O tom do discurso é notável em trechos da Ata da Sociedade Patriótica de Santa Catarina, como o que se segue:

O damno público resultado das barracas por conta da Fazenda Nacional, alugadas a pessoas imorais a até a escravos, e que desde a sua origem tem sido receptáculo de roubos e lugar de todo o gênero de prostituição, além do ridículo aspecto que faz apresentar a praia da cidade<sup>12</sup>.

Em 1838, um terreno da marinha foi disponibilizado pelo governo da província para a construção do Mercado Público, local no qual ficariam abrigadas as barraquinhas de pescado, que incomodavam os liberais e agradavam os conservadores – estes últimos por razões que mais tarde serão levantadas. No entanto, alguma atitude a respeito dos comércios localizados na matriz só foi realmente tomada em 1845, num processo "emergencial" de higienização, dada a vinda do imperador Dom Pedro II para a Província de Santa Catarina, alterando o comércio de pescado para a região da Ponte do Vinagre. Logo após a partida do Imperador, acirrou-se uma intensa disputa a respeito do futuro daquela zona comercial. A câmara municipal

11 YAMAMOTO, André. Reconstruindo o Mercado Público de Florianópolis. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC - Brasil ISSN 1984- 3968, v.1, n.1, 2008.

12 Atas da Sociedade patriótica de Desterro. Apud, CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora..., op. Cit. , p. 87.



apresentou um documento onde, segundo eles, constavam mais de 140 assinaturas para que as barraquinhas continuassem no lugar onde estavam, ou seja, nas imediações da ponte do vinagre (atual Avenida Hercílio Luz). Só em 1846 é aprovada a construção do Mercado Público, e em 1848 ela efetivamente ocorre<sup>13</sup>.

O enfoque nos diversos anos que se seguem em discussão e disputa de poder a respeito do futuro da Praça da Matriz e das barraquinhas é bastante representativo para o que acontecia na política partidária do Desterro no período. É nesse contexto, em meados de 1947, que surgem os dois primeiros partidos políticos distintos dentro da atual Florianópolis: O partido *barraquista* – também chamado de *cristão*, *saquarema* ou *conservador* – e o partido *vinagrista* – conhecido como *judeu*, *luzia*, *liberal* e, mais tarde, *silveirista* – cada qual defendendo um local, de acordo com seus interesses econômicos e políticos, nesta respectiva ordem, gerando grandes discussões através da imprensa Catarinense: “repercutiram por toda a parte e, por algum tempo, fixaram sobre a província a atenção de todo o Império”<sup>14</sup>.

As disputas se tornam ainda mais acirradas por conta de uma única vaga para representação da Província de Santa Catarina do cenário nacional, em que de um lado Jerônimo Coelho, pelos liberais, concorre, e de outro Joaquim Augusto do Livramento, pelo partido conservador. Yamamoto defende a perspectiva de que os interesses pessoais e econômicos, nesse período, muitas vezes sobressaíam os interesses políticos, como descreve:

(...) podemos notar uma concepção de Nossa Senhora do Desterro enquanto Capital de Santa Catarina, em detrimento de uma concepção de cidade como parte da União. Ou seja, estavam mais preocupados com a manutenção de poder das famílias internas, do que nos deveres e direitos políticos advindos desse cargo e da cidade enquanto parte do país<sup>15</sup>.

A idéia de que manter o Mercado na atual Praça XV de Novembro era defendida segundo seus propagadores, não por interesses próprios, mas como uma forma de manter o comércio e por consequência o cotidiano popular próximo da Igreja matriz (Catedral de Florianópolis), da vida espiritual cristã<sup>16</sup>.

Os embates políticos bipartidários são expressados em magníficos textos publicados em diversas edições de vários jornais, variando em ataques diretos a pessoas relacionadas aos partidos (e aos jornais), atuantes geralmente em cargos públicos, e discursos sutis que ferem com seu sarcasmo e cínicas opiniões sobre as publicações dos jornais inimigos. Cabe ressaltar

13 YAMAMOTO, André. Reconstruindo o Mercado Público de Florianópolis. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC - Brasil ISSN 1984- 3968, v.1, n.1, 2008.

14 BOITEUX, José Arthur. Os partidos políticos de Santa Catarina Apud JORGE, Nivaldo. A descoberta do..., op. cit., p. 22.

15 YAMAMOTO, 2008, p.4

16 IDEM, 2008, p.5



que os anos que se seguiram às publicações acompanharam uma mudança gradual do público leitor dos periódicos, que passaram a englobar cada vez mais comerciantes de média e alta renda, residentes da Província de Santa Catarina e arredores. Antes, este público era composto especialmente por funcionários públicos e militares.

Analisando edições do ano de 1860 do jornal *O Catharinense*, é possível experimentar na leitura o clima passivo-agressivo da política, que se defende e ataca os adversários apelando para a interpretação dos leitores (tratados como “povo”), instrumentalizando a imprensa para a produção periódica de edições de quatro páginas de conflitos de interesses políticos enfeitadas com afirmações demagógicas. Problematizar o conceito de povo, ou apenas identificar o público leitor dos jornais políticos é algo que entendemos como vital para destrinchar os interesses políticos dos partidos, mas que não pertence ao objetivo estabelecido nesse trabalho.

Na edição de número dois do *Catharinense*<sup>17</sup> de 1860, texto publicado na última quarta-feira de outubro daquele ano, encontramos, já na primeira página, expressões de sua ideologia liberal, para em seguida, em formato de comunicado, ter uma clara expressão de embate político conflituoso que surge no apoio e desapoio a campanhas políticas provinciais. Em resposta ao jornal conservador *O Argos*, é dito:

- *O Argos* de sábado dis que o *Catharinense* não sabe dizer o q’quer; darlhemmos uma explicação clara e positiva: Queremos que se coloque na representação nacional o inerito e a ilustração.

Não sendo assignantes dos jornaes *Argos* e *Progressista* de nova espécie, que advogão a candidatura do Sr. Lamego, e de seus adherentes, só a pouco vi o *argos* n. 617 de 15 de setembro último, e n’elle um comunicado em que o seu bem criado e civilizado autor, além de outras couzas só próprias d’elle, que o partido *Silverista* pretender encher a assembleia provincial dos *Eleuterios* e *Pitangueiras* &&

A esta bela produção do engenho do insigne comunicante, devemos dizer que antes a assembléa provincial se compunha dos *Eleuterios* e *Pitangueiras*; do que dos *Lamegos* e *Moreiras*; porque ao menos aqueles, quando forão membros d’assembleia provincial, não metião rolha na boca quando entravão na sala das sessões; (veja se o *Argos* de 1854 a 1857, e o *Cruzeiro* do sul de 1858 a 1859) assim como tem sucedido, e há de suceder sempre aos *Lamegos* e *Moreiras*, e && tanto na assembleia provincial como na geral: e o mais é, que para certificar a todo o *Brazil* da má estrekka ou má sorte que acabrunha esta infeliz província, anda tanta gente que parecia ter juízo, trabalhando, gastando tempo e dinheiro, para levarem ou empurrarem os taes portentos de inteligência e sabedoria ao seio da representação geral e provincial! Não se duvida que o *Senhor Lamego* seja muito boa pessoa, e tenha bons préstimos,

17 GERMANO ANTONIO MARIA AVELIM (Ilha do Desterro). Typographia Catharinense (Ed.). COMMUNICADOS. *O Catharinense: Jornal politico e noticioso*. Ilha do Desterro, p. 2-3. 31 out. 1860. (Acervo Biblioteca pública de Santa Catarina)



---

mas o que é certo, o que ninguém pode negar, é que ele não serve para deputado da assemblea geral, por não possuir as habitações que tão importante lugar exige, queremos dizer, não tem o Senhor Lamego a instrução necessária, para poder desempenhar como conve aos interesses da província, tão importante missão; como acabamos de ver com a sua estada na ultima sessão da legislatura que findou, d'assembleia geral, a onde esteve quatro longos mezes como suplente por esta província, sem dar uma palavra, sem requerer ou obter couza alguma para á província que representava; e mesmo hade gazer sempre, se por infelicidade nossa, ele por elleito deputado a assembleia geral, como pretende e para o que tanto se esforça; não com o fim de ser útil ao bem publico, mas a si somente, pois bem sabe que nada pode fazer em beneficio da província; mas suas vistas futuras (como ele mesmo diz) a isso impétem: será desgraça sobre desgraça<sup>18</sup>.

Essa edição do *Catharinense* pertence a um lugar no tempo quase 30 anos depois de seu nascimento em 1831 com Jeronimo Coelho, que dava vida ao seu periódico liberal com o patrocínio de lojas maçônicas da ilha. É importante perceber essa relação direta entre a política desterrense e a maçonaria fortemente presente. Quando se percebe a dimensão da atuação da imprensa na política, a lógica de quem a controla, publica e sustenta seus gastos financeiros será algo presente no imaginário dos leitores. De forma alguma tratamos a obra escrita como algo prontamente absorvido, e muito menos os leitores como massa de manobra. Contudo, são nessas linhas dos jornais que podemos entender os objetivos de um grupo tão discreto na construção da província e do país. A atuação presente de *homens*, com profissões variando entre militares, escritores, empresários e profissionais liberais é o que parece compor a maçonaria, e também a imprensa catarinense. Os ideais de *liberdade* que compõe os interesses políticos desses homens é algo transmitido pela tradição iluminista. O judaísmo se mistura bem com o princípio maçônico em ordem de *irmandade* e tem grande presença na genealogia dos habitantes da ilha do Desterro.

A tolerância religiosa, a discrição, a ampla influência em todas as áreas públicas (e até privadas) cria um casamento perfeito entre judeus e maçons. Talvez sejam nesses pontos centrais, de irmandade e grande influência nacional e internacional, centrados por uma ideologia de expansão comercial e livre mercado que poderemos entender um dos motivos para a resistência de um povo historicamente perseguido. Tais perseguições se mostram sempre trágicas para todas as classes, mas por mascararem-se de preconceitos religiosos enquanto são movidas por interesses econômicos, mostram cores de conflitos entre elites. O teor religioso

---

18 CATHARINENSE, 1860, p.2



dos embates políticos entre o partido Judeu e o partido Cristão vai se perdendo com o tempo, para deixar em maior evidência o que realmente interessava desde o início: o poder.

Já no começo do mês seguinte ao periódico anteriormente exposto, temos a resposta do jornal *Catharinense* que defende sua importância e sua influência que fora menosprezada pelos redatores do *Argos* e do *Progressista*. As datas dos periódicos da década de 60 do século XIX expressam a frequência dos conflitos. Levando em consideração que tais embates tomam praticamente todo o espaço do jornal, temos décadas e mais décadas de conflituosas relações políticas e econômicas expressadas em poéticos textos elitistas:

#### SÃO TROCAS E NÃO TRICAS

Sem duvida <o *Catharinense*> , é de pequeno formato; mas quem não sabe que os licores preciosos se guardão em frascos pequenos?

É pequeno e muito jovem, mas seus dias teem sido cheios: e quanto a juízo e integridade mais idozo, que o enfatuado <Progressista> que despeitado brada, por ver a descoberto a sem cerimonia com que se arroga o *senhorio de todo mundo*.

E mesmo um Epaminoudas caricato o tal *Gracista*: e repugna tanto a mentira, que nem falando sincero diz verdades.

Quem o lê e quem o ouve, o acredita um Euclides: mas quem conhece seus velhos e *mitrados* escriptores, o classifica de Hyperbalo e Parquino.

Mentir...mentir...que a vida é uma pela: e hoje triumpho de uma cauza politica, (diz o defensor do *armasem* entronizado n'uma pilha quartolas a gotejar entusiasmo), pertencerá ao vivorio que tiver que para mixtificar os menos avisados; elle pertencerá aos modernos Timagoras, que sendo os últimos no interesse da pátria, se inculcão os primeiros zeladores da honra da provincia.

*É na verdade admirável o desplante, com que se insulta os brios Catharinenses.*

*É revoltante, como com tanta audácia se desvirtua a sublime missão da imprensa convertendo-a em torpe pelourinho.*

Salve-se a honra, quando a vida for em risco: assim faz o *Catharinense*, a pesar da pouca idade e desenvolvimento: mas o *Progressista* se morrer de apoplexia por ingerição de *pelas*, só terá a truanesca celebridade desse entes vindos ao mundo para desfructe dos ociosos, e que teem por honra fúnebre o floriozo epitáfio:

A terra te seja leve

Já que pesado lhe foste.

Os Lagunenses, mal contentes hão-de ser, quando souberem do que sobre eles cá informou o Sr. Lamego, que arrependido de sua leviandade procura attenuar effeito de tão extemporânea indiscrição...

Ora se o *Homem* sustentou em pleno conselho, que com a sua chegada, os Lagunenses se curvarão pedindo-lhe *benedicite*; se elle disse por entre *quebros* e *admanes* que o Cesar Lagunense depois de ouvilo, estremeado de emoção, rasgou as condições, que tencionara impor quanto ao Chiquinho: por que foge agora em retirada, não como o leão ferido, mas como a rapoza *filada* em galinheiro?

Um conselho ao Sr. Lamego, se os seus conselheiros dão licença. Um passeio eleitoral não é como as singraduras, em que se contão todos os

sucessos do dia; não, Snr. o homem prudente e não *pachola* deve guardar reservas sobre os resultados obtidos, tanto mais, quando são eles de favor. Sabe praticamente o marítimo, que muitas vezes se pede a N. S. da Luz bom vento noite clara, e ella nos deixa as escuras refrescados por salseiradas. Não se confundão nem troquem as couzas; que os typos confirmem o que os lábios proferem, o deixem-se de tricas. Srs. do Progressista, cuidado com o povo, não abuseis de sua confiança; vosso inconsiderado arrojo vos casa ruina certa, vossa protervia será esmagada pelo povo na hora, em que vos conhecer, pariás do progresso<sup>19</sup>.

As colossais possibilidades de análises que flutuam nas letras manchadas pela antiga tipografia desterrense é o que energiza o trabalho que se lê. A presença judaica em Santa Catarina (como no mundo todo) é algo que implora por recortes e mais recortes, por expressar tantas grandezas em sua existência. O que se desenvolveu aqui foi uma tentativa de colocar em evidencia riquíssimas fontes e assuntos que podem revelar para a história conexões inimagináveis entre grupos políticos e religiosos, tirar da completa discrição uma instituição orgânica que vicia os dados dos jogos de poder no Brasil antes mesmo da independência; ligar os pontos soltos dessa constelação de dominação que mostra nas estrelas uma repetida participação de empresários, profissionais liberais, militares e jornalistas sem que diga o ponto de encontro onde são acordados os planos de atuação política dos mesmos. Diremos aqui, incitando a pesquisa e o questionamento, que a maçonaria esmiuçada garante novas perspectivas para a história Brasileira.

## Referências

NOVINSKY, Anita Waingort. *Gabinete de Investigação: uma "caça aos judeus" sem precedentes*. São Paulo: Humanitas Editorial/fapesp, 2007.

NOVINSKY, Anita Waingort et al. *Os judeus que construíram o Brasil: Fontes inéditas para uma nova visão da história*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2015.

YAMAMOTO, André. *Reconstruindo o Mercado Público de Florianópolis*. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC - Brasil ISSN 1984- 3968, v.1, n.1, 2008.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *História da Cultura Catarinense: O Estado e as ideias*. vol. 1. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

JORGE, Nivaldo. *A descoberta do Mercado Público*. Editora Cor Grafic; Florianópolis, 1996

---

19 GERMANO ANTONIO MARIA AVELIM (Ilha do Desterro). Typographia Catharinense (Ed.). COMMUNICADOS. *O Catharinense: Jornal politico e noticioso*. Ilha do Desterro, p. 3. 9 nov. 1860. (Acervo Biblioteca pública de Santa Catarina)



BOITEAUX, José Artur. *Os partidos políticos de Santa Catarina*. Revista do Instituto Histórico, N.º. 78. Rio de Janeiro.

### Fontes

Acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina Typographia Catharinense (Ed.). *O Catharinense: Jornal politico e noticioso*. Ilha do Desterro, 1860.

---

Recebido em 19 de dezembro de 2016

Aceito para publicação em 01 de fevereiro de 2017

